ISSN: 2358-8829

O MUSEU COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO

Victória Guilherme Pereira Silveira [1]

INTRODUÇÃO

Pensar a educação, na contemporaneidade, exige reconhecer que os processos de ensino e aprendizagem não se encerram nos limites físicos da escola, tampouco podem ser reduzidos à transmissão de conteúdos previamente estabelecidos. A formação dos estudantes envolve experiências, memórias, práticas culturais, relações sociais e diferentes maneiras de compreender e significar o mundo. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa assume uma dimensão que ultrapassa o domínio das estruturas gramaticais e das convenções da escrita, pois implica compreender a linguagem como prática social, constitutiva das identidades e atravessada por relações históricas, culturais e políticas. Em diálogo com Freire (1967), compreende-se que educar pressupõe criar condições para que os sujeitos desenvolvam uma leitura crítica da realidade e reconheçam sua capacidade de participar da transformação do mundo.

Essa compreensão conduz a uma reflexão sobre os espaços nos quais a educação acontece e sobre os conhecimentos que a escola reconhece como legítimos. Embora a instituição escolar desempenhe papel fundamental na sistematização dos saberes, as experiências dos estudantes são construídas também em outros territórios de convivência, memória e aprendizagem. Entre esses espaços, os museus ocupam uma posição relevante, uma vez que articulam objetos, narrativas, imagens, manifestações artísticas e referências históricas na produção de interpretações sobre a sociedade. Entretanto, reconhecer seu potencial educativo exige ir além da ideia de que a visitação constitui, por si só, uma experiência formativa. É necessário compreender o museu

[1] Graduada no Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pós-graduada em Estudos da linguagem e formação docente - UFRPE e mestra pelo PROFLETRAS-UFPE - victoriaguilherme1997@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

como uma instituição social que seleciona, organiza e comunica narrativas sobre o passado e o presente, participando, assim, da construção das identidades individuais e coletivas.

É nesse horizonte que se situam as discussões sobre o museu como espaço de construção da consciência sociolinguística no Ensino Médio. Se a língua participa da constituição das identidades culturais, as manifestações preservadas, representadas e interpretadas nos espaços museais oferecem possibilidades de reflexão sobre os modos de falar, os repertórios linguísticos, as relações entre oralidade e escrita e os valores sociais atribuídos às diferentes formas de expressão. A linguagem presente nas músicas, nas exposições, nos relatos históricos, nas expressões populares e nas narrativas sobre as comunidades permite observar que a língua não é homogênea nem está dissociada das experiências de seus falantes. Ao contrário, constitui-se na relação entre sujeitos, territórios, práticas culturais e condições sociais de produção dos discursos.

A consciência sociolinguística, nesse contexto, envolve a capacidade de reconhecer a heterogeneidade da língua e compreender criticamente as avaliações sociais que recaem sobre suas diferentes variedades. A partir das contribuições de Labov (1972) e Bagno (1999), entende-se que as diferenças linguísticas não podem ser interpretadas como evidências de incapacidade intelectual ou de inferioridade cultural. Os julgamentos que classificam determinadas formas de falar como inadequadas, feias ou inferiores estão relacionados a processos sociais de hierarquização e a relações de poder que atribuem prestígio a determinados grupos. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa precisa assegurar o acesso às práticas de linguagem socialmente valorizadas sem transformar esse conhecimento em instrumento de desqualificação das experiências linguísticas dos estudantes.

O museu oferece um campo fértil para essa reflexão porque a cultura não se manifesta apenas nos objetos expostos, mas também nas narrativas, nas representações e nos critérios que orientam a seleção do que merece ser preservado e apresentado ao público. Ao visitar uma exposição sobre o frevo, a cultura sertaneja ou as múltiplas identidades que constituem o Nordeste, o estudante pode reconhecer manifestações culturais presentes em sua própria experiência e, simultaneamente, questionar os processos históricos que lhes atribuíram determinados significados. A experiência

ISSN: 2358-8829

museal pode, assim, favorecer a percepção de que os patrimônios culturais são construções sociais, vinculadas às memórias coletivas e às disputas pelo reconhecimento de diferentes grupos.

É importante ressaltar, entretanto, que o museu não deve ser concebido como um espaço neutro, capaz de representar integralmente todas as experiências de uma sociedade. Suas exposições são constituídas por escolhas curatoriais, perspectivas interpretativas e condições institucionais específicas. Por isso, a função social dessas instituições também envolve a possibilidade de promover o diálogo com as comunidades, ampliar a representatividade dos grupos historicamente marginalizados e estimular a reflexão crítica sobre os processos de construção da memória. Para a educação linguística, essa perspectiva é especialmente significativa, pois permite relacionar a valorização do patrimônio cultural ao reconhecimento das vozes, dos repertórios e das formas de expressão que constituem a diversidade brasileira.

Diante dessas questões, este trabalho tem como objetivo refletir sobre as contribuições das experiências pedagógicas em museus para a construção da consciência sociolinguística de estudantes do Ensino Médio, articulando educação linguística, memória, identidade e função social do patrimônio cultural. Para isso, toma como referência experiências desenvolvidas no contexto de uma pesquisa qualitativa e transdisciplinar, envolvendo atividades escolares, produções dos estudantes e visitas ao Paço do Frevo, ao Museu Cais do Sertão e ao Museu do Homem do Nordeste, em Pernambuco. A discussão procura compreender de que maneira essas experiências podem contribuir para uma abordagem de Língua Portuguesa comprometida com o reconhecimento da diversidade linguística, o enfrentamento do preconceito linguístico e a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente os discursos que circulam na sociedade.

Mais do que defender a visita ao museu como estratégia de dinamização das aulas, busca-se problematizar o sentido político e pedagógico dessa aproximação. A questão central não consiste apenas em identificar o que os estudantes aprendem quando saem da escola, mas em compreender como o encontro entre educação linguística e patrimônio cultural pode ampliar suas possibilidades de leitura do mundo. Nessa perspectiva, o museu não aparece como simples extensão da sala de aula, mas como

ISSN: 2358-8829

espaço de produção de sentidos que, em diálogo com a escola, pode contribuir para a formação de cidadãos conscientes de suas identidades, de seus direitos linguísticos e de sua participação na vida coletiva.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva transdisciplinar que articula os estudos da linguagem, a educação, a cultura e a memória social, a pesquisação. Essa escolha metodológica decorre da compreensão de que a consciência sociolinguística não se desenvolve exclusivamente pela aquisição de conceitos teóricos, mas também pelas experiências de interação, pelas práticas de linguagem e pela reflexão sobre os valores sociais atribuídos às diferentes formas de expressão. Nesse sentido, a investigação procura compreender os significados construídos pelos estudantes durante as atividades pedagógicas, considerando suas manifestações discursivas, produções e experiências culturais.

O percurso investigativo está vinculado ao contexto de uma escola pública da rede estadual de Pernambuco, a Escola de Referência em Ensino Médio Augusto Severo, localizada na região limítrofe entre Recife e Jaboatão dos Guararapes. As atividades foram organizadas de modo a estabelecer relações entre o ensino de Língua Portuguesa e as experiências socioculturais dos estudantes, articulando momentos de reflexão em sala de aula, produção de materiais, investigação das práticas linguísticas da comunidade escolar e visitação a espaços museais. A proposta buscou reconhecer os conhecimentos prévios dos participantes como ponto de partida para a construção de novas interpretações sobre a língua e suas relações com a cultura.

A geração de dados contemplou diferentes instrumentos qualitativos, entre os quais se destacam o diário de campo da professora, as anotações produzidas pelos estudantes durante as atividades, os registros fotográficos, as produções textuais e os materiais audiovisuais elaborados ao longo do percurso. Esses registros possibilitaram acompanhar diferentes dimensões da experiência pedagógica, considerando tanto as manifestações dos estudantes quanto os sentidos atribuídos às práticas de linguagem e às referências culturais mobilizadas. As produções dos participantes foram tomadas

ISSN: 2358-8829

como possibilidades de reflexão sobre seus modos de compreender a diversidade linguística, as identidades culturais e as relações entre língua e sociedade.

As atividades pedagógicas foram organizadas em etapas articuladas. Inicialmente, desenvolveram-se propostas de sensibilização e reflexão sobre os usos da linguagem, seguidas de atividades voltadas ao reconhecimento da diversidade linguística, à identificação de expressões regionais e à discussão sobre atitudes de preconceito linguístico. Posteriormente, os estudantes produziram materiais autorais, entre eles cartazes, zines e registros de entrevistas com integrantes da comunidade escolar. Essas atividades favoreceram a observação da língua em diferentes situações de uso, permitindo relacionar os conceitos trabalhados em sala de aula às experiências linguísticas dos participantes.

A etapa de visitação aos museus Paço do Frevo, Cais do Sertão e Museu do Homem do Nordeste ampliou o campo de investigação ao colocar os estudantes em contato com manifestações culturais, narrativas históricas e diferentes formas de representação da identidade regional. A experiência foi acompanhada de registros e, posteriormente, de produções audiovisuais em formato de minivlogs, nos quais os estudantes puderam reelaborar e compartilhar aspectos de suas vivências. Para além da descrição das exposições, a proposta buscou estabelecer relações entre os patrimônios culturais visitados e as formas de expressão linguística presentes na vida cotidiana.

A análise dos materiais considerou as contribuições da sociolinguística educacional, dos estudos dos letramentos e da pedagogia crítica, buscando identificar possibilidades de reflexão sobre variação linguística, identidade, preconceito e pertencimento cultural. Também se procurou interpretar as experiências museais a partir de sua dimensão educativa e social, considerando que os sentidos construídos pelos visitantes dependem de suas trajetórias, conhecimentos prévios e interações com os espaços. Assim, a metodologia não se restringiu à verificação da aprendizagem de conteúdos linguísticos, mas buscou compreender como as práticas propostas podem contribuir para uma leitura mais crítica da língua e das representações culturais.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Língua, variação linguística e consciência sociolinguística

Compreender a língua como uma prática social implica reconhecer que os usos linguísticos não se constituem de maneira isolada, tampouco podem ser analisados exclusivamente a partir de regras gramaticais. A língua está diretamente relacionada às experiências históricas, culturais, sociais e identitárias dos sujeitos, refletindo as relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos dos quais participam. Nessa perspectiva, ensinar língua portuguesa significa ir além da transmissão de normas e estruturas: significa possibilitar que os estudantes compreendam os diferentes usos linguísticos, os contextos em que ocorrem e os valores sociais atribuídos a cada forma de expressão. Essa concepção aproxima-se das discussões de Antunes (2003), para quem o ensino de língua deve considerar os usos efetivos da linguagem e sua dimensão interacional.

A Sociolinguística contribui significativamente para essa compreensão ao demonstrar que a língua apresenta variações relacionadas a fatores geográficos, históricos, sociais e situacionais. As diferenças entre os modos de falar não representam, por si mesmas, desvios ou deficiências linguísticas, mas manifestações da diversidade constitutiva das línguas. Labov (2008) evidencia a relação entre língua e organização social, demonstrando que os fenômenos linguísticos podem ser compreendidos a partir das comunidades e das situações em que se realizam. Desse modo, reconhecer a variação linguística significa compreender que os falantes mobilizam diferentes recursos de acordo com suas experiências, suas redes de interação e os contextos de comunicação.

No contexto escolar, essa perspectiva exige uma reflexão sobre o lugar atribuído às variedades linguísticas dos estudantes. A escola, historicamente comprometida com o ensino da norma-padrão e de práticas de linguagem socialmente legitimadas, precisa desenvolver esse trabalho sem transformar as formas de falar dos alunos em sinais de incapacidade ou inferioridade. Bagno (1999) chama a atenção para o preconceito linguístico e para os julgamentos sociais que se estabelecem em torno dos usos da língua. Assim, o ensino de português deve promover o conhecimento da norma-padrão

ISSN: 2358-8829

e de seus contextos de utilização, ao mesmo tempo que reconhece a legitimidade das variedades linguísticas e problematiza as hierarquias construídas entre elas.

É nesse cenário que se insere a consciência sociolinguística, entendida, neste trabalho, como a capacidade de reconhecer a diversidade dos usos linguísticos, compreender suas relações com os contextos sociais e históricos e questionar os julgamentos que atribuem maior ou menor valor aos diferentes modos de falar. Essa consciência não se limita à identificação de diferenças vocabulares, fonéticas ou gramaticais. Ela pressupõe uma postura reflexiva diante das relações entre linguagem, identidade, pertencimento e poder. Ao desenvolver essa percepção, os estudantes podem compreender que determinadas formas de expressão são valorizadas socialmente não por serem intrinsecamente superiores às demais, mas porque estão associadas a grupos e instituições que historicamente concentram prestígio e legitimidade.

Nessa direção, a educação linguística precisa favorecer situações em que os estudantes analisem criticamente os discursos que circulam na sociedade e percebam como a linguagem participa da construção de identidades e relações sociais. Moita Lopes (2006), ao discutir a relação entre linguagem e vida social, contribui para uma perspectiva de ensino que considera os sujeitos situados historicamente e envolvidos em práticas discursivas atravessadas por questões sociais. Essa compreensão permite aproximar o estudo da língua de experiências concretas dos estudantes, valorizando seus repertórios linguísticos e culturais sem deixar de ampliar suas possibilidades de participação em diferentes contextos comunicativos.

2.2 Educação crítica, linguagem e função social da escola

A compreensão da língua como prática social também exige uma concepção de educação comprometida com a formação crítica dos sujeitos. Nessa perspectiva, o processo educativo não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas favorecer a leitura, a interpretação e a problematização da realidade. Freire (1967) defende uma educação voltada à participação consciente dos sujeitos na vida social, reconhecendo sua capacidade de refletir sobre o mundo e de intervir nele. Quando essa perspectiva é articulada ao ensino de língua portuguesa, o trabalho pedagógico passa a considerar as

ISSN: 2358-8829

experiências dos estudantes, seus conhecimentos prévios e as diferentes formas pelas quais interpretam e significam a realidade.

A partir dessa compreensão, o ensino de língua portuguesa pode contribuir para que os estudantes identifiquem os mecanismos sociais que legitimam determinadas formas de falar e desqualificam outras. A reflexão sobre a linguagem torna-se, portanto, uma possibilidade de discutir desigualdades, discriminações e relações de poder presentes no cotidiano. Não se trata apenas de ensinar os alunos a reconhecerem que existem diferentes variedades linguísticas, mas de promover condições para que compreendam por que determinadas formas de expressão são alvo de ridicularização, correção excessiva ou exclusão. O desenvolvimento da consciência sociolinguística assume, assim, uma dimensão ética e política, pois envolve o reconhecimento dos sujeitos e o enfrentamento de práticas discriminatórias.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) orienta o ensino de Língua Portuguesa a partir de práticas de linguagem que envolvem leitura, produção textual, oralidade e análise linguística e semiótica. Essa organização possibilita a abordagem dos usos da língua em diferentes campos de atuação social e favorece o desenvolvimento de competências relacionadas à participação crítica e à reflexão sobre os discursos. Nesse sentido, a discussão sobre variação linguística pode ser ampliada por meio de experiências pedagógicas que ultrapassem os limites físicos da sala de aula e coloquem os estudantes em contato com diferentes manifestações culturais, registros de memória e formas de representação da sociedade.

A articulação entre escola, território e instituições culturais amplia as possibilidades de construção do conhecimento, pois permite que os conteúdos curriculares sejam relacionados a situações concretas de produção de sentidos. A aprendizagem deixa de ser compreendida como uma atividade restrita ao livro didático e passa a envolver a observação, a investigação, o diálogo e a interpretação de diferentes espaços sociais. Quando planejadas de maneira intencional, as experiências educativas fora da escola podem favorecer perguntas que dificilmente surgiriam com a mesma intensidade em uma abordagem exclusivamente expositiva. Para isso, entretanto, é necessário que a visita a espaços culturais esteja integrada aos objetivos de

ISSN: 2358-8829

aprendizagem e seja acompanhada de atividades de preparação, reflexão e sistematização.

2.3 O museu como espaço de memória, identidade e construção social

Tradicionalmente, o museu foi associado à preservação, à organização e à exposição de objetos considerados relevantes para a história e para a cultura de uma sociedade. Entretanto, uma compreensão crítica dessa instituição exige reconhecer que o patrimônio cultural não se apresenta de maneira neutra ou independente das escolhas humanas. A seleção dos objetos, a organização das exposições, a elaboração dos textos explicativos e a definição das narrativas apresentadas ao público envolvem decisões sobre o que merece ser preservado, lembrado e compartilhado. Dessa forma, o museu não apenas conserva vestígios do passado: ele também participa da construção das interpretações por meio das quais uma sociedade compreende sua história e reconhece determinados grupos e experiências.

A reflexão de Geertz (1989) sobre a cultura como uma trama de significados construída socialmente contribui para compreender os objetos, as práticas e as manifestações culturais como elementos que precisam ser interpretados em seus contextos. Sob essa perspectiva, uma peça exposta em um museu não possui apenas um valor material ou estético. Ela pode representar modos de vida, relações de trabalho, práticas religiosas, experiências coletivas e formas de organização social. Seu significado depende das relações que estabelece com os sujeitos, com a história e com as narrativas por meio das quais é apresentada. A visita ao museu pode, portanto, constituir uma experiência de leitura cultural, na qual os estudantes são convidados a investigar o que está representado, quais sentidos são atribuídos aos elementos expostos e quais questões podem ser levantadas a partir deles.

O museu também participa da construção das identidades coletivas, pois oferece referências a partir das quais os sujeitos podem reconhecer aspectos de suas histórias e de suas experiências sociais. Contudo, esse reconhecimento não acontece automaticamente. Quando determinadas comunidades, práticas culturais ou grupos sociais aparecem de maneira reduzida, estereotipada ou subordinada nas narrativas institucionais, o espaço museológico pode reproduzir silenciamentos existentes na

ISSN: 2358-8829

própria sociedade. Por outro lado, quando promove o reconhecimento de diferentes sujeitos e amplia as possibilidades de interpretação do patrimônio, o museu pode contribuir para questionar narrativas excludentes e fortalecer o diálogo entre diferentes experiências culturais. Sua função social, portanto, envolve tanto a preservação da memória quanto a reflexão sobre os modos pelos quais essa memória é produzida e compartilhada.

Nessa perspectiva, compreender a função social do museu significa ultrapassar a ideia de que sua principal finalidade é guardar objetos antigos ou apresentar informações sobre o passado. O museu pode atuar como espaço de educação, participação, diálogo e reflexão sobre questões contemporâneas. Isso exige considerar os públicos que o frequentam, as comunidades às quais está relacionado e as diferentes possibilidades de apropriação de seus acervos. A instituição museológica torna-se socialmente significativa quando não se limita a apresentar uma narrativa pronta, mas oferece condições para que os visitantes formulem perguntas, relacionem informações às próprias experiências e compreendam que o patrimônio cultural é atravessado por disputas de sentido, escolhas políticas e processos de reconhecimento.

Falk e Dierking (2000), ao discutirem a experiência museal, destacam a importância da interação entre as dimensões pessoal, sociocultural e física na construção das aprendizagens em museus. Essa perspectiva permite compreender que os visitantes não recebem passivamente as informações apresentadas pelas exposições. Eles interpretam os objetos e as narrativas a partir de seus conhecimentos prévios, de suas experiências e das interações estabelecidas durante a visita. Para o contexto escolar, essa compreensão reforça a necessidade de organizar experiências que estimulem a observação, o diálogo e a interpretação crítica, considerando os estudantes como participantes ativos da produção de conhecimento.

2.4 O museu como espaço de construção da consciência sociolinguística

A aproximação entre museu e consciência sociolinguística parte do entendimento de que a linguagem integra as práticas culturais e participa da construção das memórias e das identidades sociais. Os modos de falar, as expressões populares, os nomes de lugares, as narrativas orais, as inscrições, os documentos e os registros

ISSN: 2358-8829

escritos presentes em diferentes contextos culturais constituem possibilidades de investigação linguística. Quando esses elementos são observados em um espaço museológico, os estudantes podem compreender que a língua não existe separada das experiências históricas dos falantes, mas se transforma nas relações entre pessoas, comunidades e territórios.

O museu, nesse sentido, oferece possibilidades para que o ensino de língua portuguesa dialogue com a história e com a cultura sem perder de vista seus objetivos específicos. Uma exposição sobre práticas culturais, por exemplo, pode suscitar discussões sobre os vocabulários utilizados por diferentes grupos, os sentidos atribuídos a determinadas expressões e as relações entre linguagem e pertencimento. Da mesma forma, textos de divulgação, depoimentos, legendas e materiais audiovisuais podem ser analisados considerando seus interlocutores, suas finalidades comunicativas e as escolhas linguísticas realizadas. O trabalho pedagógico pode, assim, articular a leitura do espaço museológico à análise dos discursos que o constituem, evidenciando que toda representação cultural envolve escolhas de linguagem.

Essa abordagem também permite problematizar a relação entre prestígio linguístico e reconhecimento cultural. Ao observar como diferentes grupos sociais são representados nas exposições e quais vozes participam da construção das narrativas, os estudantes podem refletir sobre quem tem o direito de falar, quais formas de expressão recebem legitimidade e como determinados conhecimentos são reconhecidos como patrimônio. A questão sociolinguística deixa, portanto, de se restringir às diferenças entre formas de falar e passa a envolver as condições sociais em que essas formas são avaliadas. A análise crítica dessas relações pode contribuir para que os estudantes reconheçam o preconceito linguístico como uma manifestação de desigualdades mais amplas e compreendam a valorização da diversidade linguística como parte do respeito à diversidade cultural.

No contexto de Pernambuco, espaços como o Paço do Frevo, o Cais do Sertão e o Museu do Homem do Nordeste podem constituir referências para práticas pedagógicas que aproximem língua, cultura, memória e território. A escolha desses espaços não deve se fundamentar apenas em sua relevância turística ou na possibilidade de realizar uma atividade fora da escola, mas nas questões que seus acervos, exposições

ISSN: 2358-8829

e propostas educativas podem suscitar. As manifestações culturais, as narrativas sobre os territórios e as representações de diferentes grupos sociais oferecem oportunidades para investigar como as identidades são construídas, como as práticas culturais são transmitidas e como a linguagem participa desses processos. A análise deve considerar, em cada instituição, os conteúdos efetivamente apresentados e as experiências realizadas pelos estudantes, evitando pressupor que todos os museus desenvolvem as mesmas abordagens ou representam a diversidade da mesma maneira.

Desse modo, conceber o museu como espaço de construção da consciência sociolinguística significa reconhecê-lo como ambiente de investigação, diálogo e problematização das relações entre língua e sociedade. A visita museológica pode contribuir para que os estudantes relacionem os conhecimentos escolares às experiências culturais, observem a presença da linguagem em diferentes formas de representação e questionem hierarquias que desvalorizam determinados grupos e repertórios linguísticos. Entretanto, esse potencial formativo depende da mediação pedagógica: é o planejamento das atividades, a elaboração de perguntas, a escuta das interpretações dos alunos e a sistematização posterior das experiências que permitem transformar a visita em uma situação efetiva de aprendizagem. Nessa articulação entre escola e museu, a educação linguística assume uma dimensão social, pois favorece não apenas a ampliação dos conhecimentos sobre a língua, mas também a formação de sujeitos capazes de reconhecer a diversidade, refletir criticamente sobre as desigualdades e participar de maneira consciente da vida coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros das atividades pedagógicas relatadas na pesquisa apontam possibilidades de ampliação das reflexões dos estudantes sobre a língua como fenômeno heterogêneo, social e culturalmente situado. Nas atividades iniciais, a discussão sobre os diferentes usos da linguagem permitiu mobilizar experiências pessoais e referências culturais dos participantes, tornando perceptível a presença da língua em situações que ultrapassam o contexto escolar. A proposta intitulada “Procura-se”, inspirada na obra *As coisas mais belas da vida*, de Valter Hugo Mãe, estimulou a produção de frases relacionadas a sentimentos, valores e experiências sociais. Enunciados como “Procura-se amor de mãe na escola” e “Procura-se paz” evidenciaram possibilidades de

ISSN: 2358-8829

articulação entre linguagem, subjetividade e realidade cotidiana. Mais do que exercícios de escrita, essas produções permitiram discutir como as escolhas linguísticas expressam perspectivas de mundo e participam da construção de sentidos nas interações sociais.

A atividade "Quantas línguas cabem no nosso português?" favoreceu a discussão sobre a diversidade linguística e os critérios utilizados socialmente para avaliar as formas de falar. Os registros relatados indicaram que, embora o termo *sociolinguística* não fosse necessariamente conhecido pelos estudantes, muitos reconheciam, a partir de suas experiências, que a língua varia conforme as regiões, os grupos sociais e as situações comunicativas. Ao mesmo tempo, a presença de avaliações fundamentadas na oposição entre certo e errado evidenciou a importância de problematizar o preconceito linguístico no ensino de Língua Portuguesa. Essa constatação reforça a necessidade de uma educação linguística que assegure o conhecimento das convenções da escrita e dos registros formais, sem deslegitimar as variedades linguísticas utilizadas pelos estudantes em suas comunidades. Como discutem Labov (1972) e Bagno (1999), a diversidade é constitutiva da língua, e os julgamentos sobre os usos linguísticos precisam ser compreendidos em suas relações com a organização social.

A produção dos zines intitulados "É só aqui que tem" constituiu outra experiência relevante do percurso pedagógico. Ao registrar expressões como "arretado", "oxe", "pantim", "munganga" e "gabiru", os estudantes mobilizaram repertórios linguísticos associados às suas experiências culturais e aos modos de falar presentes em Pernambuco. A incorporação de representações da oralidade, de escolhas visuais e de diferentes recursos gráficos ampliou as possibilidades de autoria e de expressão. Essas produções permitiram compreender que a língua não se manifesta apenas em textos escritos segundo convenções formais, mas também em práticas multimodais que articulam palavras, imagens, sons e referências culturais. Em diálogo com Rojo e Moura (2012), essa experiência evidencia a relevância de práticas pedagógicas que reconheçam os múltiplos modos de produzir e compartilhar significados. A valorização desses repertórios, contudo, não deve se limitar à celebração de expressões regionais: precisa também promover a reflexão sobre as condições sociais em que determinadas formas de falar são reconhecidas, estigmatizadas ou silenciadas.

ISSN: 2358-8829

As entrevistas realizadas com integrantes da comunidade escolar, no âmbito da atividade “Você sabe dizer?”, ampliaram a discussão ao colocar em circulação diferentes percepções sobre os usos da língua e o prestígio atribuído à chamada norma culta. As respostas registradas apontaram tanto o reconhecimento da diversidade de expressão quanto a permanência de concepções restritivas sobre o que seria falar corretamente. Esse movimento revela que o preconceito linguístico não se manifesta apenas em situações explícitas de discriminação, mas também em julgamentos cotidianos que hierarquizam falantes a partir de suas escolhas linguísticas. A atividade, portanto, contribuiu para deslocar a reflexão do campo exclusivamente gramatical para o campo das relações sociais, permitindo compreender que os usos da língua são avaliados em contextos atravessados por valores, expectativas e relações de poder. Essa perspectiva reforça a função social da escola na construção de práticas de linguagem mais inclusivas e no desenvolvimento de uma postura crítica diante dos discursos que desqualificam determinados grupos sociais.

É na aproximação entre essas experiências e a visitação aos museus que a discussão adquire uma dimensão mais ampla. As visitas ao Paço do Frevo, ao Cais do Sertão e ao Museu do Homem do Nordeste possibilitaram o contato com manifestações culturais, narrativas e referências identitárias que podem ser relacionadas às práticas linguísticas dos estudantes. O frevo, a música associada ao universo sertanejo e a diversidade das expressões culturais nordestinas oferecem oportunidades para refletir sobre a relação entre linguagem, território, memória e pertencimento. Ao produzirem minivlogs sobre as experiências vivenciadas, os estudantes mobilizaram linguagens orais, escritas, visuais e sonoras, articulando suas impressões às referências culturais encontradas. Os registros descritos no percurso investigativo apontam possibilidades de aproximação entre a experiência estética e a reflexão sociolinguística, embora a extensão e a permanência dessas aprendizagens devam ser avaliadas a partir de evidências específicas, sem presumir que a visita, isoladamente, assegure mudanças duradouras de percepção.

Entretanto, o amadurecimento desta discussão exige reconhecer que o potencial educativo do museu não reside apenas na possibilidade de tornar o conteúdo escolar mais atrativo. A visitação pode adquirir maior significado quando o estudante é convidado a compreender como os patrimônios são selecionados, interpretados e

ISSN: 2358-8829

apresentados ao público. Os objetos expostos, as narrativas históricas, as escolhas lexicais utilizadas nos textos curatoriais e as manifestações culturais representadas participam da construção de uma determinada leitura da sociedade. Assim, o museu não é somente um lugar no qual a cultura é apresentada: é também um espaço no qual a cultura é interpretada, legitimada e colocada em circulação. Essa compreensão amplia a função pedagógica da visita, pois desloca o estudante da posição de observador de conteúdos para a de sujeito que interroga os discursos e os sentidos produzidos pela instituição.

Essa reflexão é particularmente importante quando se considera a relação entre patrimônio cultural e hierarquização das identidades. Determinadas manifestações recebem reconhecimento institucional, enquanto outras podem permanecer pouco representadas ou ser apresentadas a partir de perspectivas limitadas. Do mesmo modo, os modos de falar associados a grupos populares, comunidades rurais, populações negras e indígenas ou territórios periféricos podem ser valorizados como expressões culturais em uma exposição e, simultaneamente, estigmatizados nas interações cotidianas. Essa contradição constitui um campo relevante para a educação sociolinguística, pois permite questionar por que algumas manifestações são reconhecidas como patrimônio, enquanto determinados falantes continuam enfrentando discriminação por suas formas de expressão. A reflexão sobre o museu, portanto, pode contribuir para que os estudantes compreendam que a valorização cultural precisa estar acompanhada do reconhecimento das pessoas e das comunidades que produzem e mantêm vivas essas práticas.

No Paço do Frevo, as relações entre música, dança, memória e identidade pernambucana oferecem possibilidades de compreender a linguagem como parte de uma manifestação cultural coletiva. O frevo pode ser abordado não apenas como expressão artística ou símbolo regional, mas também como prática social vinculada à história do Recife, aos processos de transformação cultural e às formas de ocupação da cidade. As letras, os nomes, as expressões e os discursos associados a essa manifestação permitem discutir como a linguagem participa da construção de sentidos e da transmissão de memórias. Sob essa perspectiva, a experiência museal pode favorecer a reflexão sobre o reconhecimento institucional de determinadas manifestações populares e sobre os sujeitos que historicamente contribuíram para sua constituição. A questão pedagógica

ISSN: 2358-8829

não consiste apenas em identificar o valor cultural do frevo, mas em compreender as relações entre cultura, linguagem, memória e reconhecimento social.

No Cais do Sertão, as representações do sertão e das experiências culturais associadas a esse território oferecem oportunidades para problematizar as relações entre espaço geográfico, identidade e linguagem. A música, a oralidade e as narrativas relacionadas à vida sertaneja podem contribuir para questionar representações simplificadoras do Nordeste e de suas populações. O sertão não deve ser compreendido apenas como cenário de dificuldades ou como imagem cristalizada de uma região, mas como território plural, constituído por diferentes experiências, temporalidades e formas de produzir conhecimento. A linguagem, nesse contexto, participa tanto da preservação das memórias quanto da construção de representações sociais. Ao relacionar a experiência museal às próprias vivências, os estudantes podem refletir sobre a maneira como determinados sotaques, expressões e repertórios são associados a estereótipos, bem como sobre a importância de reconhecer a diversidade das experiências nordestinas.

O Museu do Homem do Nordeste, por sua vez, possibilita ampliar a reflexão sobre as diferentes matrizes culturais que participam da constituição das identidades regionais e nacionais. A abordagem de referências culturais negras, indígenas e de outros grupos formadores da sociedade brasileira pode favorecer discussões sobre memória, representação e reconhecimento. Nesse contexto, torna-se importante problematizar como as narrativas sobre o Nordeste são construídas e quais perspectivas históricas recebem maior destaque. Para a educação linguística, essa reflexão permite relacionar as práticas de linguagem às experiências dos grupos sociais e às condições de visibilidade de suas vozes. Não se trata de pressupor que a visita produza automaticamente uma consciência crítica sobre as desigualdades, mas de reconhecer que o contato com diferentes narrativas culturais pode constituir uma oportunidade para desenvolver perguntas, confrontar interpretações e ampliar os repertórios de leitura dos estudantes.

A análise conjunta dessas experiências permite compreender que a função social do museu envolve dimensões educativas, culturais, políticas e comunitárias. A preservação do patrimônio não se limita à conservação de objetos ou à manutenção de

ISSN: 2358-8829

acervos; envolve também a produção de condições para que diferentes grupos reconheçam suas histórias, participem das discussões sobre suas representações e tenham suas experiências consideradas na construção da memória coletiva. Nessa perspectiva, os museus podem contribuir para a democratização do conhecimento quando estabelecem relações efetivas com seus públicos, promovem acessibilidade e favorecem o diálogo entre diferentes saberes. Essa compreensão também exige reconhecer os limites e as contradições dessas instituições, uma vez que a representatividade cultural depende de escolhas, práticas e condições concretas de participação. Por isso, uma educação museal crítica precisa estimular tanto o reconhecimento do patrimônio quanto a análise das narrativas que o organizam.

A escola, nesse processo, desempenha uma função mediadora fundamental. A visita ao museu não precisa ser tratada como uma atividade isolada do currículo, destinada apenas à observação de exposições ou à realização de registros descritivos. Seu potencial formativo pode ser ampliado por meio de atividades preparatórias, nas quais os estudantes mobilizem conhecimentos prévios e formulem questões, e de atividades posteriores, nas quais analisem suas impressões, confrontem interpretações e produzam novos textos. Essa articulação permite que a experiência cultural se converta em objeto de reflexão, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e os problemas sociais que atravessam a linguagem. Além disso, a produção de cartazes, zines, entrevistas e minivlogs demonstra possibilidades de integrar diferentes práticas de letramento, reconhecendo os estudantes como produtores de conhecimento e não apenas como receptores de informações.

Sob uma perspectiva transdisciplinar, a aproximação entre Língua Portuguesa, História, Arte e Sociologia permite compreender que os fenômenos linguísticos não podem ser dissociados das condições históricas e culturais em que se constituem. A língua está presente nas canções, nas narrativas, nas exposições, nas conversas e nas formas de nomear o mundo. Por essa razão, a análise linguística ganha profundidade quando se relaciona às práticas sociais e às experiências dos falantes. Ao mesmo tempo, a abordagem transdisciplinar não significa apenas reunir conteúdos de diferentes disciplinas, mas construir problemas comuns que exijam interpretações articuladas. No caso desta pesquisa, o problema que conecta os diferentes campos é a compreensão de

ISSN: 2358-8829

como linguagem, identidade e memória participam da constituição dos sujeitos e de suas relações com a sociedade.

Os resultados e as experiências relatados permitem, portanto, defender a relevância de práticas educativas que aproximem o ensino de Língua Portuguesa dos espaços culturais e das experiências comunitárias. A contribuição mais significativa dessa aproximação não está apenas no reconhecimento de expressões regionais ou no contato com manifestações artísticas, mas na possibilidade de questionar as relações entre língua, prestígio, identidade e poder. Quando os estudantes compreendem que as formas de falar estão relacionadas às trajetórias sociais e culturais de seus falantes, torna-se possível construir uma educação linguística que reconheça a diversidade sem abandonar o ensino dos conhecimentos formais necessários à participação em diferentes esferas sociais. O museu, articulado a esse processo, pode funcionar como espaço de investigação, diálogo e elaboração crítica, contribuindo para que a aprendizagem ultrapasse a memorização de conceitos e se aproxime da compreensão da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida neste trabalho reafirma a importância de compreender o ensino de Língua Portuguesa como prática social, cultural e política, comprometida com a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente os usos da linguagem e as relações de poder que os atravessam. Ao articular consciência sociolinguística, experiências pedagógicas e patrimônio cultural, a pesquisa evidencia possibilidades de aproximar os conhecimentos escolares das vivências dos estudantes, reconhecendo que a língua não existe separada dos sujeitos que a utilizam, das comunidades em que circula e das histórias que participa de construir. Nesse sentido, a educação linguística crítica precisa promover tanto o acesso às práticas de linguagem socialmente valorizadas quanto o reconhecimento da legitimidade da diversidade linguística.

O percurso investigativo também permite aprofundar a compreensão do museu como espaço educativo. Sua função social não se limita à preservação de objetos ou à exposição de manifestações culturais, pois envolve a produção de narrativas sobre a sociedade, a construção da memória coletiva e a possibilidade de reconhecer experiências historicamente marginalizadas. O museu pode favorecer encontros entre

ISSN: 2358-8829

diferentes conhecimentos e perspectivas, mas seu potencial formativo depende das condições de participação, das mediações realizadas e das perguntas construídas durante a experiência. Assim, compreendê-lo criticamente significa reconhecer tanto sua capacidade de promover pertencimento e valorização cultural quanto a necessidade de interrogar as escolhas e representações que constituem suas exposições.

As experiências relacionadas ao Paço do Frevo, ao Cais do Sertão e ao Museu do Homem do Nordeste oferecem possibilidades distintas e complementares de reflexão sobre as relações entre linguagem, cultura e identidade. Esses espaços permitem aproximar os estudantes de manifestações culturais pernambucanas e nordestinas, ao mesmo tempo que favorecem discussões sobre memória, representatividade e diversidade. A produção de cartazes, zines, entrevistas e minivlogs, por sua vez, amplia as oportunidades de autoria e de expressão, permitindo que os estudantes reelaborem suas experiências por meio de diferentes linguagens. Os registros relatados na pesquisa apontam contribuições para o debate sobre variação linguística e preconceito, embora a avaliação da permanência dessas aprendizagens exija acompanhamento e análise sistemática de evidências produzidas ao longo do processo educativo.

Um aspecto central dessa discussão consiste em reconhecer que valorizar a diversidade linguística não significa apenas celebrar expressões regionais ou reconhecer a riqueza do vocabulário popular. Significa, sobretudo, questionar as hierarquias que atribuem maior prestígio a determinados modos de falar e compreender como essas avaliações podem reproduzir desigualdades sociais. Quando essa reflexão é articulada às experiências museais, torna-se possível discutir as relações entre reconhecimento cultural e reconhecimento social: não basta preservar uma manifestação como patrimônio se os sujeitos que a produzem continuam sendo discriminados por suas identidades, seus territórios ou suas formas de expressão. A consciência sociolinguística, nessa perspectiva, constitui uma dimensão importante da formação cidadã, pois permite compreender que o respeito à diversidade linguística está relacionado à dignidade dos falantes e à democratização das relações sociais.

Também se torna necessário repensar o lugar da escola nessa articulação. Em vez de considerar o museu apenas como um recurso complementar, a prática pedagógica pode reconhecê-lo como interlocutor na construção do conhecimento, estabelecendo

ISSN: 2358-8829

relações entre o currículo, as experiências comunitárias e as narrativas culturais. Isso exige planejamento, mediação e continuidade, de modo que a visita seja antecedida por questões de investigação e sucedida por momentos de análise e elaboração. Exige, igualmente, reconhecer os estudantes como sujeitos que carregam saberes, memórias e repertórios próprios, capazes de contribuir para a interpretação das manifestações culturais. Nessa relação, escola e museu podem construir experiências educativas mais dialógicas, nas quais o conhecimento se desenvolve por meio do encontro entre diferentes perspectivas.

A abordagem transdisciplinar adotada neste trabalho reforça a compreensão de que a linguagem participa de processos históricos, culturais, afetivos e políticos. O ensino de Língua Portuguesa, quando articulado às experiências museais, pode ampliar as possibilidades de leitura do mundo e favorecer a compreensão de que as práticas linguísticas são constitutivas das relações humanas. Essa perspectiva dialoga com a pedagogia crítica de Freire, ao reconhecer a educação como processo de conscientização e participação social. Mais do que ensinar a identificar variações linguísticas, pretende-se contribuir para a formação de estudantes capazes de compreender as razões pelas quais determinadas vozes são legitimadas e outras são silenciadas, desenvolvendo uma postura ética diante da diversidade.

Por fim, este trabalho reafirma que aproximar escola, museu e comunidade representa uma possibilidade de construir uma educação linguística mais contextualizada, democrática e comprometida com a justiça social. O museu não é apenas um lugar para onde se leva o estudante, mas um espaço que pode ser interrogado, interpretado e ressignificado a partir de suas experiências. A reflexão sobre sua função social amplia o alcance da proposta inicial, deslocando o foco da visita como estratégia metodológica para a experiência cultural como oportunidade de formação crítica. Nesse movimento, a consciência sociolinguística deixa de ser apenas um conteúdo a ser ensinado e passa a constituir uma prática de reconhecimento, questionamento e participação. Ensinar Língua Portuguesa, nessa perspectiva, é também criar condições para que os estudantes compreendam a diversidade de suas próprias vozes, reconheçam as vozes dos outros e participem da construção de uma sociedade em que a diferença não seja motivo de exclusão, mas fundamento do diálogo e da cidadania.

ISSN: 2358-8829

Palavras-chave: *Consciência sociolinguística; variação linguística, ensino de língua portuguesa, museu, frevo.*

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem.** 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio.** Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-basica/bncc. Acesso em: 27/08/2024.

BRASIL. **LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. p. 239 (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 1).

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ENSINO MÉDIO** – Ministério da Educação. Secretaria da Educação Médio e Tecnologia – Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CALAZANS, Teca. Frevo – **100 Anos de Folia.** Recife: CEPE, 2007. DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Jean-Paul. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. **Learning from Museums: Visitor**

ISSN: 2358-8829

Experiences and the Making of Meaning. Walnut Creek: AltaMira Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção.** Cascavel: Assoeste, 1984.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes, 1995.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCIANO, D. T.; SÁ, C. M. **Transversalidade IX: reflexões sobre a escrita.** Aveiro: UA Editora, 2019.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna.** São Paulo: Parábola, 2004.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NINO, Maria do Carmo. **A história do frevo.** Recife: CEPE, 2011.

PRETI, Dino. **A variação linguística: contribuições da sociolinguística para o ensino da língua.** Revista Intercâmbio, 9, 9-17, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Toward an ethically committed linguistics.** Revista de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música,**

ISSN: 2358-8829

dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.